

## **Soul – Um cante a palo seco**

**Helena Di Ciero<sup>1</sup>, São Paulo**

Resumo: O trabalho traz um recorte de um atendimento analítico marcado pelo silêncio do paciente e por aspectos de desvitalização, diante dos quais a analista busca por metáforas literárias e musicais como forma de compreensão do mundo interno do paciente e como recurso para estabelecer vínculo e diálogo com o mesmo. Passando pelos referenciais teóricos de Bion, Anne Alvarez e Ogden, a analista discorre sobre as angústias contra transferenciais desse árduo atendimento e compara o trabalho do psicanalista à experiência do improviso no jazz.

PALAVRAS-CHAVE: O paciente de difícil acesso; Clínica Psicanalítica, Formas de Desvitalização; Ogden; Anne Alvarez.

**SOUL**

**Um cante a palo seco**

*Cante a Palo Seco  
Se diz a palo seco  
o cante sem guitarra;  
o cante sem; o cante;  
o cante sem mais nada;  
se diz a palo seco  
a esse cante despido:  
ao cante que se canta  
sob o silêncio a pino.  
O cante a palo seco  
é o cante mais só:*

---

1 Rua Caçapava 49 cj22, cep-01408010, São Paulo SP, Telefone: 11981796666  
email - hcdiciero@gmail.com

Helena Di Ciero

*é cantar num deserto  
devassado de sol;  
é o mesmo que cantar  
num deserto sem sombra  
em que a voz só dispõe  
do que ela mesma ponha.  
O cante a palo seco  
é um cante desarmado:  
só a lâmina da voz  
sem a arma do braço;  
que o cante a palo seco  
sem tempero ou ajuda  
tem de abrir o silêncio  
com sua chama nua.*

JOÃO CABRAL DE MELO NETO

*“No meio de uma apresentação com Miles Davis, eu toquei esse acorde, que saiu muito errado. Eu achei que tinha estragado tudo e reduzido aquela noite incrível a escombros. Miles respirou e tocou algumas notas, e fez meu acorde parecer certo... Eu julguei o que havia tocado, Miles não. Ele fez o que qualquer músico de jazz deveria fazer – transformar qualquer coisa que aconteça em algo de valor.”*

HERBIE HANCOCK<sup>2</sup>

## **Improvisos**

Há algo no trabalho do analista que tem o mesmo improviso do jazz, pensei, ao ler no jornal esse trecho da crítica do novo filme, *Soul*, produzido pela Walt Disney e Pixar. E em seguida me lembrei da contribuição de Bion em seu trabalho de 1979: “Como tornar proveitoso um mau negócio”.

---

2 Trecho disponível no artigo “Soul traz o primeiro protagonista negro da Pixar em trama de jazz e pós-vida”, de Leonardo Sanchez sobre o filme *Soul*, para a Folha de São Paulo em 23/12/2020. <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/12/soul-traz-primeiro-protagonista-negro-da-pixar-em-trama-sobre-jazz-e-o-pos-vida.shtml>

Soul – Um cante a palo seco

Neste, o autor descreve que há uma musicalidade na tempestade emocional entre duas pessoas, que deve ser ouvida pelo analista, trazendo uma mudança psíquica na sessão.

Rubem Alves descreve o processo de análise através de uma metáfora musical, imagem ricamente descrita no texto “Pôr-da-lua”, no qual compara o trabalho do psicanalista com o de um pianista:

O pianista lê a partitura silenciosa, deixa ser possuído por ela e, possuído, ele a interpreta ao piano: realiza-a como música, tornando sensível a beleza. Pois nós somos partituras, que nós mesmos não sabemos interpretar. O ofício do psicanalista é o ofício do artista: ele lê a partitura misteriosa que nós mesmos não entendemos, e interpreta-a para que, ouvindo a nossa própria beleza, sejamos por ela liberados. (2001, p. 206)

Contudo, até chegar num momento em que a música faça sentido, é preciso acertar o passo com o paciente. E, nesse movimento, há algo que muitas vezes é desgastante para o analista, pois envolve uma dose de perseverança e questionamento sobre a forma em que o atendimento se dá, sobre as maneiras de alcançar o paciente, de se fazer ser ouvido e tocá-lo de tal forma que as interpretações ressoem de forma menos descompassada e mais melódica.

Não é fácil ser o analista que cada paciente precisa que sejamos – lembrando a fala de Ogden em *Essa arte da Psicanálise* (2006<sup>3</sup>). Adaptar-se ao ritmo de cada um é uma árdua tarefa. Por vezes, percebo que somos confrontados com certas verdades psicanalíticas que simplesmente não funcionam com todos os pacientes. E nesses momentos a técnica precisa de mais flexibilidade.

---

3 “O analista precisa aprender sob nova ótica, como ser o analista de cada paciente em cada sessão” (OGDEN, 2006, p. 177).

Helena Di Ciero

Do improviso do jazz, do molejo do samba, permitindo-se reler e recriar as referências clássicas, como numa Bachiana Brasileira de Villa-Lobos, ou num tango de Piazzola.

Andreucci, J. descreve ricamente esse processo por meio de uma imagem da natureza:

As vinculações teóricas, usando uma metáfora, representam, para mim, o galho da árvore que a lagarta se apoia para formar seu casulo e, daí transformada em borboleta, voar pela amplidão em busca de novos horizontes, símbolos de novas ideias, de aberturas desconhecidas. (p. 194, 1986)

O caso que apresento neste trabalho requer boas doses de coragem para a metamorfose e mais outras boas doses de liberdade para o improviso, pois a situação colocada é das mais desafiadoras para o psicanalista: o silêncio quase absoluto do paciente. Como encontrar a musicalidade de uma análise em que o paciente não fala? Como ler a partitura do silêncio?

O que colocarei a seguir é um manejo clínico incomum. Contudo, inspirada no texto “As delinquências secretas de uma analista” de Joyce Schlochower (2010) – que reúne uma série de confissões de analistas sobre suas incertezas, inseguranças e lapsos – sigo em frente, dando voz nesse primeiro momento às angústias contra transferenciais da analista. Convido então o leitor à primeira delinquência desse relato, transcrevendo uma conversa telefônica que tive com o psiquiatra de João, após o aumento de seu antidepressivo:

*– Sinceramente, não sei se o ajudo. Às vezes acho que não. João quase não fala, tem muita dificuldade em se abrir, já faz tantos anos que estamos juntos e percebo que muitas vezes eu preencho seu silêncio contando-lhe histórias. Muitas parecem aleatórias mesmo. Histórias que acho bonitas, livros que li, filmes... Me sinto engordando a sessão, atuando.*

Soul – Um cante a palo seco

*No começo chegava a ficar uma sessão inteira em silêncio junto a ele, aguardando algum movimento espontâneo, esperando sua associação livre. Passei anos na expectativa de seu primeiro passo. O tempo custava a passar. Os barulhos de fora, da rua, do prédio, conseguiam ser mais altos que os de dentro da sessão... Como o atendimento é feito virtualmente, o silêncio parece mais pesado ainda. Por vezes, desligo a sessão me perguntando se estou atuando, falando demais... Ou desestimulando-o, falando de menos... Fico tentando entender por que ele não sai desse lugar silencioso. Acho que o atendimento não está funcionando, tenho vontade de desistir. Mas vou seguir buscando formas de ajudá-lo.*

Trata-se de um rapaz de trinta e poucos anos, artista plástico, muito inteligente. Relata que sofre de depressão já há algum tempo, desde que saiu do país (não mora no Brasil). Sofre de insônia e não sente prazer em nada. Em seus atendimentos frequentemente me sinto sozinha, naquele bar no deserto descrito por Bolognini, esperando que as palavras do paciente surjam para que eu possa lhe oferecer algo refrescante. Mas o deserto prevalece. Em muitos momentos me sinto só, com sede de compreendê-lo, aguardando-o se manifestar. Numa espera densa e longa.

*Só fica*

*o deserto.*

*Um ondulado*

*deserto.*

GARCIA LORCA

Helena Di Ciero

De acordo com Ogden, “o sentimento de vitalidade e de desvitalização da transferência-contratransferência é, talvez, a medida mais importante do que ocorre a cada momento no processo analítico” (2006, p.176).

Às vezes sinto que estamos brincando de “vivo ou morto” durante a sessão (uma brincadeira antiga de criança que consistia em despertar o outro de um estado adormecido). Persisto nessa tentativa de despertá-lo desse estado desvitalizado. Noto que esse estado amortecido se alterna entre nós dois. Há momentos em que me percebo uma analista morta, incapaz de despertá-lo de seu silêncio. Em outros, me encontro viva novamente, me esforçando para extrair algum som do paciente. Mas o fato é: são raros os momentos durante o atendimento em que estamos os dois vivos. Ora eu me sinto desaparecendo, ora o vejo sumindo.

Marion Minerbo (2019) descreve a depressão como uma espécie de desempoderamento generalizado. A fala da pessoa deprimida é marcada pela impotência, uma sensação de não dar conta da vida. E essa vida perde o sentido e a cor. A luz do sol incomoda, não aquece ou ilumina, a comida não apetece ou se torna um refúgio da falta de apetite pelo mundo externo. Há também uma alteração importante no ciclo do sono: a insônia se faz presente, há uma dificuldade de concentração, de sair da cama e fazer coisas simples. Nada é prazeroso, tudo é feito com muita dificuldade, movimentar-se é custoso tanto física quanto psiquicamente.

Somado a esse aprisionamento, há também um sentimento de vazio. Nada toca, é como se parte de nós estivesse tomada por um estado de escuridão constante, uma dificuldade de concentração, uma espécie de anulação, acompanhada por uma ansiedade crescente e um terror. Luiz Fernando Roriz, num comovente Ted Talk sobre o assunto, descreve essa sensação angustiante como “um sentimento de falta de sentimento”.

Soul – Um cante a palo seco

Também no livro *O demônio do meio-dia*, o psicólogo clínico e professor da Universidade de Columbia de Nova York, Andrew Solomon, relata seu encontro com a depressão como um encontro com o demônio, e relata:

“O oposto da depressão é a vitalidade, e não a felicidade. E o sinônimo de falta de vitalidade é a morte.”

Acredito que com João me sinto assim, em muitos momentos, sem força, impotente, semiviva. Algo do próprio paciente que é colocado em mim via identificação projetiva<sup>4</sup>. E talvez por isso fique tão angustiada, por tratar-se um sentimento que é tão escuro e aterrorizante.

Nesses momentos, para me revitalizar e me encorajar a despertar João, relembro-me de Anne Alvarez: “uma criança estava brincando com um ursinho e pouco a pouco vai se desanimando, e o brincar vai se tornando automático e desanimado. A mãe se aproximou da criança, brincou um pouquinho com seu ursinho, e em seguida seu brincar ficou novamente mais vivo...”  
(1994, p.73)

Nesse texto a autora descreve que a estimulação eleva a criança a um nível de prazer, surpresa e encantamento. Esse tem sido meu esforço com João, tentar fazer com que de alguma forma ele reencontre algo que o revitalize e o desperte desse estado tão frio.

---

4 A identificação projetiva na perspectiva de Klein consiste em expelir partes do self e projetá-la em outra pessoa. A autora descreve como sendo um ataque anal a um objeto por forçar partes do Ego no outro. Tal mecanismo de defesa teria diversas funções, uma delas, de acordo com Bion, seria a comunicação, isto é: “Introduzir no outro um estado mental como meio de se comunicar com ele a respeito deste estado” (HINSHELWOOD, 1992, p. 199).

Helena Di Ciero

## **João**

João não se atrasa quase nunca, me cumprimenta sempre com doçura. Nas poucas vezes em que o vi pessoalmente, me abraçou forte na hora de partir. Lembro de ter me surpreendido com a força de sua entrega nesse ato, e sua espontaneidade. Sua forma de abraçar não combinava com a falta de contorno que sinto durante nossos encontros. Embora João careça de palavras, revela sua fome de compreensão em sua aderência e assiduidade ao nosso trabalho.

Nas sessões, há entre nós um silêncio tão denso que o chamo muitas vezes numa tentativa de despertá-lo. Não é fácil. Sinto-me só nesse deserto de palavras que fica entre nós dois. Suas respostas são sempre curtas, monossilábicas.

*– Olá, tem alguém aí?*

Um sorriso que nem sequer mostra os dentes, olhos espremidos – uma mudança de feição. João está, mas segue calado.

Diversas vezes, durante a sessão, a imagem de Virginia Wolf entrando no rio com os bolsos cheios de pedras me visita. Nesses instantes, me assusto e o convoco com delicadeza, indagando-lhe sobre o que se passa em sua mente. Ele sempre me responde: “nada”.

*– De que nada estamos falando?*

Silêncio.

Numa dessas sessões, uma canção de Bebel Gilberto me invade a mente, repetidamente, como um pássaro voando a procura de um galho para pouso:

*After all, all I have in my mind, is just silence all around.*

*Shades of blues swimming in the moon*

*Counting the stars all around*

Soul – Um cante a palo seco

*A thousand times I have tried to find  
Pieces of dreams, visions and sounds  
And then I pray, for better days  
Do you know how it is without anyone?  
Do you know  
Anyone?  
Don't let it go never forget  
that when I think of you  
You're not alone.<sup>5</sup>*

Me perco traduzindo a canção em meus devaneios: “tantas vezes eu tentei encontrar, pedaços de sonho, visões e sons...” Logo me dou conta que há algo da relação transferencial ali expresso.

Então, como uma mãe de primeira viagem que tenta dar palavras a algo que um filho sente e não sabe nomear, canto para ele essa canção bem baixinho – que eu sei de cor –, ele então sorri, comovido, e me diz:

*– Sempre foi assim, nunca conseguia dizer o que sentia, desde pequeno. Até o nó na garganta eu sinto. Chega a ser físico. Eu travo. Exatamente igual essa música.*

Grata pela intensidade de sua resposta, repito a última estrofe.

*– Never forget that when I think of you, you're not alone.*

E o paciente sorri com olhos cheios de lágrimas. Parecia sentir-se compreendido.

---

5 *Depois de tudo, tudo que tenho na mente é apenas silêncio, em toda parte / Sombras de azul nadando na lua, contando as estrelas / Muitas vezes eu tentei encontrar, pedaços de sonho visões e sonhos / Então eu rezo por dias melhores / Você sabe como é, sem ninguém? / Você sabe? Você conhece alguém? / Não deixe ir, nunca se esqueça / Que quando penso em você, você não está só.*

Helena Di Ciero

A sessão termina, e a última estrofe me visita em pensamento, antes que eu desligue as luzes do consultório: *I'll say a prayer for better days...*

Me sinto devaneando sobre uma fina linha de esperança. Quem sabe na próxima teremos mais palavras.

Bollas (1987) descreve:

Nesses devaneios, o self, como objeto transformacional, encontra-se em algum lugar do futuro, e mesmo divagar sobre planos do futuro (o que fazer onde ir, etc.) é, quase sempre, um tipo de prece psíquica para a chegada de um objeto transformacional: uma segunda vinda laica de uma relação objetual experienciada no período mais remoto da vida” (p.32)

*I'll say a prayer, for better days.*

Nesse dia, volto para casa satisfeita. A sintonia de uma canção embalou esse encontro. Uma canção trouxe-lhe palavras há muito silenciadas.

Ao escrever esse relato, lembro-me de Winnicott: “a grande sintonia que havia entre nós parecia mostrar que éramos as únicas pessoas que existiam no mundo. Ela se via em meus olhos e, assim refletida, podia ver a si mesma e sentir que existia. (1975)”.

Também em *Companhia viva*, Anne Alvarez (1994) descreve que consolar, entreter, brincar, são termos ligados a relações objetais. E “cantar para” também o é. Resgatar uma melodia para João fez com que eu resgatasse meu aspecto vivo de analista, o que me concedeu energia para seguir no que Alvarez descreve como “a luta pelo paciente”. A autora relata que em alguns casos: “é preciso carregar para o paciente a parte viva sensível do self e se autorizar a lutar pelo paciente, isto é, despertá-lo para a vida”. (p.96)

Soul – Um cante a palo seco

*A sua presença é branca,  
verde vermelha,  
azul e amarela,  
é negra, é negra, é negra  
morena*

CAETANO VELOSO

Em contraste com seu silêncio, no aspecto físico João é bem colorido. Vive mudando a cor dos cabelos, raspando, mudando o corte e fazendo muitas tatuagens. Expressa-se com muita riqueza. Ainda que pinte os cabelos de verde, azul e amarelo ao mesmo tempo, o faz com uma graça rara, tornando-se uma figura visualmente harmônica, tal qual os quadros que pinta. Seu corpo anuncia em voz alta sua presença, em contraposição a seu silêncio marcante.

Numa dessas sessões, brinquei com ele ao ligar a câmera e vê-lo:

*– Olá camaleão.*

O paciente sorriu em silêncio e assim permaneceu. Ficamos juntos calados, novamente, por um longo tempo. Até que me cansei e comecei com mais uma das minhas histórias. Perguntei-lhe se conhecia a versão de “Rapte-me camaleoa”, de Caetano Veloso com Maria Gadú.

Ele consentiu com a cabeça. Novamente entramos no velho campo calado, e então eu disse:

*– Certa vez eu estava muito triste, indo visitar uma pessoa muito querida que estava à beira da morte no hospital. Eu sabia que não teria jeito e fui dirigindo desanimada, até que tocou essa música no rádio. Foi tão impressionante a potência da canção que me encorajei, mudei por completo o que eu sentia.*

Helena Di Ciero

*Ouvindo Caetano e Maria Gadú, naquele estacionamento cinza de concreto do hospital, algo em mim despertou, impressionante a força da versão dessa dupla. 'Rapte-me camaleoa, capte-me uma mensagem à toa... Uma voz completa a outra, tão bonito de se ver.*

Falei esperando não ter eco. Esperando o mesmo sorriso semicerrado e olhos espremidos. Mas João surpreendentemente me disse:

*– Eu vi um filme essa semana que lembrei de você. Chama-se Soul. Sobre uma alma que tinha desistido de viver e o personagem principal vai mostrando para ela as coisas simples da vida, a beleza de uma flor, de uma canção, de uma família, do amor. E a tal alma, que se chamava 22 e tinha desistido de vir para a terra, vai se apaixonando pela vida e querendo enfrentá-la.*

Nesse momento, agradecida, fiquei sem palavras e sorri sem mostrar os dentes, disfarçando meu impacto.

*– Somos uma boa dupla né, 22? Quase Caetano com Maria Gadú.*

João sorri. Eu sorri. Estamos felizes, estamos juntos, sintonizados. O cinza metálico do computador ganhou as cores pulsantes de João. E este renovou minha esperança e fé no trabalho psicanalítico e no potencial transformador de nosso ofício<sup>6</sup>. Tal qual a canção, num estacionamento gélido e cinza de um hospital.

João me trouxe o presente certo, o acorde que faltava. Mostrando-me que posso continuar indo em frente com meus improvisos.

---

6 Bion (1973) define a fé como uma resposta primordial e profunda de defesa contra o sentimento de catástrofe. É uma experiência emocional, singular. Porém não se trata de uma fé religiosa – um conjunto de dogmas e doutrinas que constituem um culto. Para o autor, esta fé se torna apreensível quando se representa no pensamento e por meio deste. Se trata da fé na existência de uma realidade verdadeira e última. A fé que move um cientista a ir em busca de algo, mesmo sem dados objetivos.

Soul – Um cante a palo seco

*O resto é silêncio*

SHEAKSPEARE

*Pós-escrito: a escolha de um nome*

“João esperto leva o presente certo” é a história de um menino pobre que é convidado para a festa de uma princesa. Decide fazer o bolo com o único morango de seu jardim, uma noz que tinha em casa, o resto do açúcar da dispensa e a única vela que tinha. No caminho do castelo, escurece e ele usa a vela, em seguida um urso come o morango e, ao chegar no castelo, descobre que a princesa era alérgica a nozes. Diante de uma longa fila de convidados com suas ofertas, a princesinha, entediada, sequer mexia ao receber os presentes. Quando chegou a vez de João, deparada com uma única noz, ela o indaga como pôde trazer um presente tão ínfimo, que ainda por cima lhe dava alergias. Para remendar a situação, ele resolve contar toda sua aventura na floresta com muito entusiasmo, carregando nas cores: o morango solitário colhido no jardim, o urso terrível de quem ele escapou graças ao mesmo moranguinho, a escuridão tenebrosa do caminho. A princesa, subitamente desperta, levanta-se de seu trono e diz: “esse é o melhor presente que eu poderia ganhar! Uma história!”

E ambos saem de mãos dadas.

Helena Di Ciero

## Referências

- ALVES, R. Pôr-da-lua. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, v. 46, n. 84. pp. 205-207, 2013.
- ANDREUCCI, J. *Ide: psicanálise e cultura*. Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, v. 12, 1986.
- ALVAREZ, A. *Companhia viva: psicoterapia psicanalítica com crianças autistas, borderline, carentes e maltratadas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- BION, W. R. Como tornar proveitoso um mau negócio. *Revista Brasileira de Psicanálise*. São Paulo: ABP, v. 13, n.4, 1979.
- BOLOGNINI, S. O bar no deserto: simetria e assimetria no tratamento de adolescentes difíceis. *Revista Brasileira de Psicanálise*, n 38, pp.259–269, 2004.
- BOLLAS, C. Objeto Transformacional. A sombra do objeto. Imago. 1987
- DI CIERO, P. Fé e compreensão psicanalítica. In: LEVIZON; SIMON; YAMAMOTO (Orgs.) *Novos avanços em psicoterapia psicanalítica*. São Paulo: Zagodoni, 2016.
- HINSHELWOOD, R. D. Identificação Projetiva. *Dicionário do pensamento Kleiniano*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- LORCA, G. *Obra poética completa*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- MELO NETO, J. C. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2020.
- MINERBO, M. *Novos diálogos sobre a clínica psicanalítica*. São paulo: Blucher, 2019.
- OGDEN, T. H. Esta arte da psicanálise. *Livro Anual de Psicanálise*, São Paulo, v. 21, p. 73-189, 2006.
- Ogden T H. (1995) Analisando formas de vitalidade e desvitalização na transferência contra transferência (pp.175-188). In: Livro anual de psicanálise. São Paulo: Ed Escuta.
- SLOCHOWER, J. As delinquências secretas do analista. *Jornal de psicanálise*, vol. 43 n. 79. São Paulo, 2010
- SHAKESPEARE, W. *Hamlet*. São Paulo: Penguin-Companhia, 2015.
- SOLOMON, A. O demônio do meio-dia. São Paulo, Companhia das Letras, 2018.
- WINNICOTT, D.W. *O brincar e a realidade* . Rio de Janeiro: Imago, 1975